

**UMA VISÃO FORMAL E FUNCIONAL DOS VERBOS:
IR, VIR, CHEGAR, MORAR**

Lúcia Helena Peyroton da Rocha (UFES)

lhpr@terra.com.br

Aline Moraes Oliveira (UFES)

alinekinha@ig.com.br

Este trabalho pretende analisar o comportamento de alguns verbos, como *ir*, *vir*, *chegar*, *morar*. Trabalha-se com uma visão tradicional da transitividade verbal, perpassa-se pela gramática de valências e chega-se ao funcionalismo, que leva em conta a transitividade não como uma propriedade intrínseca do verbo enquanto item lexical, mas como um complexo de dez parâmetros sintático-semânticos independentes, que focalizam diferentes ângulos da transferência da ação em uma porção diferente da oração. Dentro da visão funcionalista, considera-se que a transitividade é uma propriedade escalar, condicionada por fatores sintáticos e semânticos, já que sua gradualidade é ligada às necessidades de expressão dos usuários, dirigida pelos propósitos da comunicação. Dessa forma, existe correlação entre grau de transitividade e relevo discursivo: baixa transitividade se liga a menor relevância e alta transitividade se liga a maior relevância. O principal objetivo é descrever o fenômeno da transitividade a partir dos pressupostos da teoria funcionalista norteamericana. No que se refere à transitividade, Hopper & Thompson (1980) apresentam dez parâmetros sintático-semânticos interdependentes, que focalizam diferentes ângulos da transferência da ação em uma porção diferente da sentença. Os autores caracterizam esse fenômeno como um *continuum*. Hopper & Thompson (1980) analisam os graus de transitividade em textos narrativos e preveem sua aplicação a outros gêneros textuais. Optou-se pela análise do gênero relato de interação retirado do *corpus* Discurso & Gramática – Rio de Janeiro.

PALAVRAS INICIAIS

A transitividade verbal é uma questão bastante controversa em manuais de gramática da língua portuguesa. É um fenômeno rico

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

e complexo, por isso continua sendo alvo de grandes reflexões ainda hoje.

A divergência classificatória do fenômeno da transitividade pode ser vista no quadro a seguir:

Verbo	Gramáticas e Dicionários ⁵	Exemplos
Morar	VI (Cunha e Cintra; Cegalla e Said Ali) VTa(Kury) VTc Rocha Lima	Aline mora em Vila Velha.
Morar	VTc (Aurélio) Vti (Houaiss)	"Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei". (Machado de Assis) Alice mora na rua das Acácias.

É importante também ressaltar que o tratamento da língua a partir de frases soltas, descontextualizadas, em que se desconsidera o uso, torna o estudo da transitividade lacunar, vago e um pouco fora da realidade enunciativa. Como se sabe somente uma análise que tome como referência as orações em condições específicas de uso permite tratar dos verbos quanto à predicação.

O ponto de partida deste estudo é a visão tradicional da transitividade verbal, perpassando pela gramática de valências e chega-se ao funcionalismo, que leva em conta a transitividade não como uma propriedade intrínseca do verbo enquanto item lexical, mas como um complexo de dez parâmetros sintático-semânticos independentes, que focalizam diferentes ângulos da transferência da ação em uma porção diferente da oração. Adotamos a perspectiva funcional abordada por Hopper e Thompson (1980), para quem a transitividade envolve uma série de componentes que estão relacionados à efetividade com a qual uma ação acontece. Por exemplo, a punctualidade e a teicidade (ação acabada) do verbo, a atividade consciente do agente (intencionalidade), a referencialidade e o grau de afetação do objeto. Esses componentes co-variam um com o outro, de língua para língua, o que sugere que a transitividade é uma propriedade central do uso da língua. A proeminência gramatical e semântica da transitividade é mostrada como derivada de sua função discursiva característica: a alta transitividade relaciona-se à figura (primeiro plano) e a

⁵ Para evidenciar a incoerência taxinômica, registramos também a classificação de Aurélio (1986) e de Houaiss (2001).

baixa transitividade ao fundo (segundo plano).

Tendo em vista a multiplicidade de abordagens sobre verbo intransitivo e a pouca abrangência desse estudo nas gramáticas de língua portuguesa, surgiu, para este trabalho, a necessidade de realizar um estudo que mostre com clareza e profundidade a questão. É por isso que se pretende apresentar a diferente natureza dos verbos intransitivos: *ir*, *vir*, *morar* e *estar* apontados por essas gramáticas. Para tanto, verificar-se-ão o tipo e a origem das restrições que impedem que tenha a definição tradicional a adequação e a abrangência que poderia ter.

Parte-se da hipótese de que tais verbos se dividem em grupos que apresentam diferentes conjuntos de traços. Esses traços os diferenciam em graus de uma possível hierarquia de transitividade que deverá ser estabelecida, a partir da presença ou ausência de determinados traços selecionados como básicos.

A busca da comprovação dessa hipótese será feita a partir da apreciação dos chamados verbos intransitivos dentro do referencial teórico da Gramática de Valências, com vistas a se detectarem os traços distintivos dos diferentes grupos. Para, em seguida, trabalharmos com os mesmos verbos dentro da perspectiva funcionalista.

VERBO INTRANSITIVO: NA GRAMÁTICA DE VALÊNCIAS

A teoria de valências funda-se no pressuposto de que o verbo é central na oração. Esse princípio da centralidade do verbo (Cf. Ignácio, 2002) foi apresentado por Tesnière (1969) e se justifica na medida em que é o verbo que determina a estrutura de base da oração, tanto no nível morfossintático, quanto no semântico. É a esse dinamismo verbal que se tem denominado de valência do verbo.

Borba (1996) concorda com o fato de que

As primeiras ideias sobre valência se devem a Tesnière, que é quem parte do verbo como núcleo oracional, tomando-o como uma espécie de pólo imantado, capaz de atrair um número mais ou menos elevado (?) de actantes, comportando um número variável de pontos de atração capazes de manter esses actantes sob a sua dependência (Borba, 1996, p. 19).

A proposta de gramática de valências de Borba (1996) a ser

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

usada como suporte para a descrição sintático-semântica do léxico diferencia-se da de Tesnière (1969) já na própria conceituação dada ao termo *valência*.

Assim, valência é a propriedade que tem uma classe de elementos, de poder ligar-se com classes específicas de outros elementos, sendo que esta mesma classe se distingue de outras de mesmo nível sintagmático. Isso amplia o sentido da expressão *gramática de valências* abrangendo também o regime dos nomes, dos adjetivos e de alguns advérbios.

A TRANSITIVIDADE SOB A PERSPECTIVA FUNCIONAL

Este estudo filia-se à Teoria funcionalista norte-americana, que vê o fenômeno da transitividade como “uma propriedade contínua, escalar (ou gradiente), da oração como um todo. É na oração que se podem observar as relações entre o verbo e seu(s) argumento(s) – a gramática da oração” (Furtado da Cunha, 2007, p. 29). Por concordarmos com essa perspectiva funcionalista, adotamos nessa investigação a proposição de Hopper e Thompson (1980) de que “a transitividade é um complexo de dez parâmetros sintático-semânticos independentes, que focalizam diferentes ângulos da transferência da ação em uma porção diferente da oração” (Furtado da Cunha, 2007, p. 37).

Hopper e Thompson (1980) propõem isolar as partes do componente da noção de transitividade e estudar os modos nos quais eles são tipicamente codificados pelas línguas. Assim, identificam os seguintes parâmetros de transitividade, cada qual sugerindo uma escala de acordo com a qual as cláusulas podem ser ordenadas.

Para Hopper e Thompson (1980), a transitividade oracional relaciona-se a uma função pragmática. O falante/escritor, ao organizar seu texto, é guiado por seus objetivos comunicativos e pela percepção das necessidades de seu interlocutor. Desse modo, o texto apresenta uma distinção entre o que é central e o que é periférico.

Quadro 1: Parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980).

		Transitividade Alta	Transitividade Baixa
01	participantes	dois ou mais participantes A e O	um participante
02	Cínese	ação	não-ação
03	aspecto do verbo	perfectivo	não-perfectivo
04	punctualidade do verbo	punctual	não-punctual
05	intencionalidade do sujeito	intencional	não-intencional
06	polaridade da oração	afirmativa	negativa
07	modalidade da oração	<i>realis</i>	<i>irrealis</i>
08	agentividade do sujeito	agentivo	não-agentivo
09	afetamento do objeto	afetado	não-afetado
10	individação do objeto	indivíduoado	não-indivíduoado

O CORPUS EM ANÁLISE

O *corpus* coletado pelo Grupo D&G, fundado em 1991, é composto de amostras de língua falada e escrita com informantes em quatro cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande e Juiz de Fora. Optamos por trabalhar com a amostra da cidade do Rio de Janeiro. A escolha desse material se justifica pela sua representatividade em termos nacionais e também pelos objetivos centrais do grupo.

O *corpus* de análise se constitui de oito (8) relatos de interação de Informantes de 3º grau, sendo que utilizamos sete (7) desses. Mostraremos a análise de excertos dos relatos de interação em que apareceram os verbos investigados. Elencaremos apenas o relato de interação de um informante/entrevistador para a análise na perspectiva funcionalista em função do espaço de que dispomos.

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

RELATO DE INTERAÇÃO

Informantes do Terceiro Grau

Informante 1: André**Entrevistadora: Fernanda**

Fui à PUC fazer uma entrevista e ainda faltava uma entrevista. Fui ao departamento e (...). Como eu moro muito longe dele,...). Fui ao CCBB alguns dias antes para alugar uma sala de leitura. (...) Liguei para um tio meu que mora no mesmo bairro que o informante e que foi buscá-la para mim. Um amigo do meu tio de trabalho mora perto da minha casa e a trouxe. Apesar desses pequenos incidentes a entrevista é boa.

Informante 2: Daniel**Entrevistadora: Fernanda**

O Daniel é o melhor amigo (...) veio aqui em casa me entregar (...).

Informante 3: Érica**Entrevistadora: Fernanda**

Um dia uma amiga da faculdade da minha irmã veio à minha casa imprimir um trabalho e (...) fui até sua casa (pois ela mora a um quarteirão da minha casa)... Fui à sua casa e no mesmo dia gravamos a fala letuada e ela escreveu também.

Informante 4: Jorge Luís**Entrevistadora: Fernanda**

Minha prima me deu o telefone da firma onde ela estagiou e (...) fui até uma sala “silenciosa” (...). Um amigo dele veio junto conosco e se sentou próximo a moça sem conversar com ela. (...) Fui até seu trabalho buscar a parte escrita (...) e concordou em vir à minha casa para refazer aquela questão.

Informante 6: Rafaela**Entrevistadora: Fernanda**

A informante estuda na mesma faculdade que a minha irmã e (...).

Assim que cheguei na PUC (...) e após alguns minutos a informante chegou junto com uma amiga (...).

Informante 7: Regina

Entrevistadora: Fernanda

A informante estuda na mesma faculdade que a minha irmã (...). No dia combinado fui até a PUC e (...), porém sua história começava assim: “Eu fui encontrar com um pessoal na praia.” (...) Eles acabaram indo para o cômodo ao lado (...). Da quarta para a quinta pergunta também não houve um barulho de motor de carro que não chega a atrapalhar o entendimento do que está sendo dito.(...) pois, pelo fato dela morar longe da minha casa, não queria ir em sua casa buscar. (...) quando resolvi perder algumas horas do dia para ir buscá-la (...). Somente por isso continuei com essa informante.

Informante 8: Valéria

Entrevistadora: Fernanda

Liguei para um amigo da minha irmã do segundo grau que estava no último ano da faculdade (...). Marcamos um dia e fui até sua casa.

ANÁLISE DO CORPUS

A análise do verbo “ir” na perspectiva tradicional e da GV

<u>Fui</u> à PUC	<u>Fui</u> ao departamento
<u>Fui</u> ao CCBB	<u>Fui</u> à sua casa
<u>fui</u> até uma sala	<u>Fui</u> até seu trabalho
<u>fui</u> até a PUC	<u>fui</u> até sua casa.

A partir da classificação do verbo “ir” quanto à predicação, pode-se afirmar que: para a NGB todas as ocorrências são classificadas como *verbo intransitivo* e os elementos que se colocam posteriormente a eles são considerados *adjuntos adverbiais de lugar*. Para Rocha Lima (1984), a classificação desse verbo é *transitivo circunstancial de lugar*. Kury (1993) classifica o verbo como *transitivo adverbial de lugar*.

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMÁTICAS

Na perspectiva da GV, o verbo “ir”, nessas ocorrências, é considerado *bivalente*. É considerado um verbo de ação que seleciona dois argumentos com as seguintes características:

A₁ = agente
(ir) + (A₂) = à PUC / ao departamento / ao CCBB
(A₂) = (a + a (o) + locativo)

A₁ = agente
(ir) + (A₂) = até uma sala / até seu trabalho / até a PUC / até sua casa
(A₂) = (até + (...)) + locativo)

A ANÁLISE DO VERBO “MORAR” NA PERSPECTIVA TRADICIONAL E DA GV

<u>moro</u> muito longe dele	<u>mora</u> no mesmo bairro
<u>mora</u> perto da minha casa	<u>mora</u> a um quarteirão da minha casa
<u>morar</u> longe da minha casa	

Do ponto de vista tradicional, o verbo “morar” tem a mesma classificação que o verbo “ir”. Dentro dos pressupostos da GV, o verbo “morar”, nas ocorrências arroladas, é considerado *bivalente*. É um verbo de estado que seleciona dois argumentos com as seguintes características:

A₁ = sujeito inativo
(morar) + (A₂) = muito longe dele / perto da minha casa / a um quarteirão da minha casa / longe da minha casa
(A₂) = (adv. (muito/perto de/longe de)) + (poss.) + (locativo)

A₁ = sujeito inativo
(morar) + (A₂) = no mesmo bairro
(A₂) = (em) + (...) + (locativo)

A ANÁLISE DO VERBO “VIR” NA PERSPECTIVA TRADICIONAL E DA GV

(...) <u>veio</u> aqui em casa	<u>veio</u> à minha casa
<u>veio</u> junto conosco	<u>vir</u> à minha casa

Do ponto de vista tradicional, o verbo “vir” tem a mesma classificação que o verbo “ir” e “morar”. Dentro dos pressupostos da

GV, o verbo “vir”, nas ocorrências investigadas, é considerado *bivalente*. É um verbo de ação que seleciona dois argumentos com as seguintes características:

A₁ = sujeito agentivo
(vir) + (A₂) = aqui em casa / à minha casa
(A₂) = (a + a) + (poss.) + (locativo)

A₁ = sujeito agentivo
(vir) + (A₂) = junto conosco
(A₂) = (complemento da forma “junto com”)

A ANÁLISE DO VERBO “VIR” NA PERSPECTIVA TRADICIONAL E DA GV

cheguei na PUC
a informante chegou junto com uma amiga

Do ponto de vista tradicional, o verbo “chegar” tem a mesma classificação que o verbo “ir”, “morar” e “veio”. Dentro dos pressupostos da GV, o verbo “chegar”, nas ocorrências investigadas, é considerado *bivalente*. É um verbo de ação que seleciona dois argumentos com as seguintes características:

A₁ = sujeito agentivo
(vir) + (A₂) = na PUC
(A₂) = (em + a) + (locativo)

A₁ = sujeito agentivo
(vir) + (A₂) = junto com uma amiga
(A₂) = (complemento da forma “junto com”)

Dentro de uma visão funcionalista, apresentamos a seguinte análise, como mostra representativa das ocorrências:

1. Fui à PUC
2. Um tio meu mora no mesmo bairro
3. Um dia uma amiga da faculdade da minha irmã veio à minha casa
4. cheguei na PUC

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

APLICAÇÃO DOS PARÂMETROS

Parâmetros	Part.	Cin.	Asp. V	Punct. V	Int. Suj.	Polar. Or.	Mod. Or.	Ag. Suj.	At. Obj.	Ind. Obj.	Total
1	-	-	+	+	-	+	+	-	-	-	4
2	-	-	-	+	-	+	+	-	-	-	3
3	-	+	+	+	+	+	+	+	-	-	7
4	-	+	+	+	+	+	+	+	-	-	7

PALAVRAS (QUASE) FINAIS

A linguagem faz parte do processo da construção histórico-social. Um exemplo disso é que os indivíduos que compõem a sociedade constroem permanentemente sua identidade a partir de um processo de interação social mediado pela linguagem. Com isso, podemos dizer que, por meio da linguagem, o homem transmite pensamento, realiza ações, etc. A realização de ações não se restringe à elaboração de mensagens, mas é um processo por meio do qual criamos, organizamos e transmitimos as nossas experiências.

Ao transmitirmos as nossas experiências, muitas vezes, lançamos mão de certas estruturas que nos remetem à teoria argumental (conjunto formado pelo verbo e os elementos obrigatórios por ele selecionados).

A (in)transitividade tem sido estudada sob várias perspectivas. Do ponto de vista tradicional, esse fenômeno é considerado apenas uma propriedade diretamente ligada ao verbo. Posição um pouco diferente pode ser verificada na abordagem da Gramática de Valências, a partir da proposição de Tesnière, a quem se atribuem as primeiras noções de valência, visto que foi ele que difundiu, sistematicamente, o conceito de valência verbal, como sendo a relação entre o verbo e o número de elementos que preenchem suas casas vazias.

O registro das incongruências existentes entre as abordagens do fenômeno da *transitividade* consignadas em diversas gramáticas da Língua Portuguesa motivou a presente investigação. Uma revisão da literatura que versa sobre o assunto evidenciou que o viés teórico funcionalista é o que explica com maior abrangência tal fenômeno.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Ignácio (2002, p. 120) assegura que o conceito de valência verbal se aproxima dos conceitos de regência e transitividade verbais, embora reconheça a maior abrangência no conceito de valência. Para ele, esse conceito permite rediscutir a nomenclatura tradicional dos elementos que completam o sentido do verbo. Na perspectiva valencial, além dos complementos obrigatórios na organização oracional, em que se têm objetos e sujeito, incluem-se os chamados complementos circunstanciais.

Ressalta-se, ainda, que valência é uma propriedade que se detecta no funcionamento do verbo, em sua realização discursiva. Ou seja, não é uma propriedade dada aprioristicamente, mas que surge das e nas relações enunciativas. Isso se evidenciou na análise que fizemos do primeiro texto do *corpus*.

Diferentemente dessa visão, o modelo teórico norteador deste capítulo, concebe a transitividade como uma propriedade que se manifesta ao longo do discurso. Logo, dentro desse pressuposto, cada elemento de uma frase exercerá um importante papel quanto à significação do todo. Assim, a transitividade é concebida como uma propriedade discursiva, conforme destaca Almeida (1999, p. 24).

A partir da análise dos dois textos, é possível observar que as cláusulas identificadas no plano da figura apresentam um alto grau de transitividade (destacadas em negrito). Esses resultados comprovam, ainda, a proposição de Hopper e Thompson (1980) no que se refere à gradação da transitividade. Esta não se limita apenas ao verbo, mas estende-se a toda cláusula.

Considerando o contexto pragmático em cada um dos textos, é possível observar que os planos discursivos destacam os enunciados centrais no plano da figura e os enunciados periféricos, no plano de fundo. Assim, as informações fundamentais aparecem em evidência, isto é, em primeiro plano, enquanto as informações complementares ficam em segundo plano.

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. J. A. de. Transitividade, ergatividade e a ordem verbo-sujeito no processo de aquisição do português. **In:** *Veredas-Revista de estudos linguísticos*, v. 3, n. 2, jul./dez. 1999.
- BORBA, F. da S. et al. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- . *Uma teoria de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 18ª ed. São Paulo: Nacional, 1978.
- CUNHA, C. e CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FERREIRA, A. B. de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. ver. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Transitividade: estrutura argumental e ensino de gramática. **In:** II Encontro Nacional de Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, 2003, João Pessoa. *Anais do II ECLAE*. João Pessoa: Ideia, 2003, v. 1. p. 1319-1327.
- ; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. **In:** CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, 56 (2): 251-299, 1980.
- HOUAISS, A. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- IGNÁCIO, S. E. *Para uma tipologia dos complementos verbais do português contemporâneo do Brasil*. Tese de livre docência apresentada ao Departamento de Linguística da F.C.L. de Araraquara: UNESP, 1994.
- . *Análise sintática em três dimensões: uma proposta pedagógica*. Franca: Ribeirão, 2002.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

KURY, A. da G. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1993.

LUFT, C. P. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 1996.

OLIVEIRA, M. R. de. & VOTRE, S. *Corpus, discurso & gramática - a língua falada e escrita*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 24ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

SAID ALI, M. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. 3ª ed. Brasília: UnB, 1964.

TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Klincksieck, 1969.

VOTRE, S.; OLIVEIRA, Mariângela Rios. (Coords.). *A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.